

# Ameaça de "racha" na América Latina

A América Latina está ameaçada por um "racha" na questão da dívida externa. Pensando agir em conjunto, ela na verdade estaria criando dois blocos: um supostamente mais seletivo, outro menos seletivo. O primeiro seria integrado por Brasil, Argentina, México, Colômbia, Venezuela, Peru e Equador. O segundo, que ainda não tem contornos bem definidos, seria formado pelos que não foram ainda convidados para a reunião de Cartagena, dias 21 e 22 próximos.

Ligando para algumas das capitais latino-americanas ainda não contempladas pelo convite ou conversando com seus embaixadores aqui em Brasília é possível sentir a frustração. A queixa deles, aliás, tem um antecedente. Não gostaram de ter sido marginalizados da carta que sete países latino-americanos enviaram às sete nações mais ricas do mundo.

Um dos embaixadores queixosos dizia-me ontem: "A Carta de Quito está sendo rasgada. O que era essa carta? Na verdade, era um documento que — esse, sim — expressava a média do pensamento latino-americano a respeito da relação econômica Norte-Sul e enfatizava as dificuldades criadas pelo tratamento que alguns governos, o FMI e os bancos privados estavam dando à nossa dívida externa. Então, em Quito houve solidariedade latino-americanos. Na carta aos sete países ricos começou o "racha", que pode se aprofundar se nós não formos convidados para ir a Cartagena."

Os países rejeitados repelem a idéia de que o documento do dia 19 de maio representava uma espécie de "convite formal" para a adesão de todos os países latino-americanos ao espírito e à letra da estratégia do Sul. Esse documento foi assinado por Brasil, Argentina, México e Colômbia. Os quatro países constituiriam o núcleo de rebeldia contra o tratamento que, ao Norte, estava sendo dado às suas respectivas dívidas externas.

Um embaixador reclamante confessa: "Não havia um convite, muito menos um convite formal no documento do dia 19. Havia uma sugestão, quando muito oblíqua. Mas em uma negociação diplomática dessa relevância você não pode bancar o "furão de festa". Ou você é concretamente convidado ou você não vai à festa".

O que esses países estão achando é que existe, pelo menos até agora, uma clara quebra de solidariedade latino-americana. Esperam é que as nações ricas, o FMI e os bancos não estejam percebendo. Quem pensa isso se equivoca. Os países ricos possuem antenas poderosas. Eles já captaram o "racha" ou a ameaça dele. Vejamos o que me dizia ontem o embaixador em Brasília de uma das nações mais poderosas do mundo: "Nós estamos muito atentos, como não poderia deixar de ser, à movimentação dos países em desenvolvimento da América Latina. E começamos a perceber que eles não estão se entendendo muito bem. Todos vão a Cartagena? Quantos e quais vão? Qual a reação dos que não forem?"

O embaixador dos ricos usa uma boa imagem: "É a história do leproso. O Brasil e os outros grandes estão usando a Bolívia para nos assustar. E como se dissessem: cuidado, nós também podemos contrair a lepra da moratória que atacou os bolivianos. Fazem isso, mas se a Bolívia deseja ficar no mesmo barco eles a jogam na água e dizem: saia daqui, os ricos vão acabar pensando que nós pegamos sua doença".

Um tal comentário conduz imediatamente à pergunta: que veio fazer em Brasília, sexta-feira, o chanceler boliviano Gustavo Fernandez Saavedra? Insisti na indagação quando Fernandez saía do gabinete do ministro Saraiva Guerreiro, com o qual manteve conversa de uma hora. Elegantemente, o visitante se esquivou. Tentei a embaixada da Bolívia. O mesmo silêncio. O chanceler permitiu-se uma declaração a vários jornalistas, após a fala com Guerreiro. Declaração positiva. Mas convidado o leitor a uma nova leitura das afirmativas de Fernandez após as queixas dos países que, como a Bolívia, ainda não foram convidados para ir a Cartagena. Vejamos: "Uns países podem ter uma posição mais avançada, outros uma posição mais moderada. Depende das circunstâncias. Os esforços de solidariedade continental precisam contemplar a situação dos vários países". A Bolívia está sendo boicotada por que se antecipou e pediu moratória? A negativa de Fernandez: "Não creio que haja isso. O boicote seria totalmente contraditório perante o espírito de solidariedade latino-americano. Em absoluto, não existe idéia de boicote ou de isolamento da Bolívia. Posso dizer, em termos muito enfáticos, que é especulação, nada mais que isso". Palavras que parecem definitivamente esclarecedoras. Mas pergunto: será? Depois de conviver um par de anos com os diplomatas qualquer repórter da área sabe que muitas vezes eles pensam uma coisa e, por dever profissional, acabam dizendo outra.

Na próxima semana será possível saber, com boa dose de certeza, onde está realmente a verdade. Alguns países que se consideram marginalizados estão muito irritados. A contagem regressiva para o encontro de Cartagena começa a correr velozmente. Quando for sendo esgotado o prazo para convites é possível que em algumas capitais latino-americanas surjam novidades. É preciso ficar atento a elas e aos teletipos das agências internacionais de notícia. O "racha" latino-americano por enquanto está meio disfarçado. Mas ele poderá vir à luz do dia.